

Carlos Sousa de Almeida, no meu caso, antes de Angola, Portugal // ARMANDINA
MAIA: como diria o Herberto Helder, “Não estou no comércio!”. Os meus são gente como Vasco Pulido Valente, Torga, Luiz Pacheco, a Ferrante ou o HH que, quando telefonaram a dar-lhe o Prémio Pessoa, respondeu: “Não diga nada a ninguém e passem o prémio a outro.”. Enfim, coroo, com a indiferença, essas “coroas” oferecidas pelas nossas pobres oligarquias culturais. Isso ressalta, aliás, em “O Longo Braço do Passado”, onde retrato o meio cultural-literário lisboeta. Sempre tive, como bem diz Ernesto Rodrigues, “Uma selvagem independência de espírito”; até dissidente familiar fui e mesmo os capitães dos comandos tinham, digamos assim, dificuldades comigo. Esse espírito livre, e mencionando só os mais velhos, merece/mereceu o respeito de Vasco Graça Moura e Eugénio Lisboa, mas também de M. Alegre ou A-P Vasconcelos ou António Marques Bessa; e de Eanes, Almeida Bruno ou J. Neves (www.ruideazevedoteixeira.com). Não tenho qualquer cartão partidário, não pertencço a qualquer grupo de pressão, nem alguma vez concorri ou concorrerei a qualquer “coroa”. Não sou “um intelectual da passeata” (Nélson Rodrigues), do abaixo assinado, festivais literários, etc. Para mim, ao molhe só o alecrim. Tenho sim um amigo de direita aqui outro de esquerda ali outro anarquista além e mais nada. A minha total independência, ou seja, a não obediência a qualquer das oligarquias faz de mim um autor “não premiável”, como escreveu Eugénio Lisboa. E é assim, livre, respeitando-me, dono de mim, que me sinto bem. O Tempo dirá se a minha obra não académica merece sobreviver (a académica, na prova máxima teve a nota máxima, uma bastante rara “Agregação por unanimidade”).

Rui de Azevedo Teixeira